

A META EDUCACIONAL NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DIALÓGICA DE MARTIN BUBER

Roberta Gulart¹
Ferdinand Röhr²

O presente trabalho faz parte da discussão geral sobre a Constituição da Educação enquanto Ciência. A temática apontada, que gira em torno da meta educacional na perspectiva da visão do pensamento buberiano, a partir dos próprios pressupostos filosóficos e teóricos é de fundamental importância para uma Teoria da Educação que se entende como base da Ciência da Educação, sendo que a mesma não pode ser orientada apenas com base nos objetos e metodologias das ciências chamadas da natureza, e por isso mesmo fazem parte de uma discussão científica da educação nas perspectivas da hermenêutica e da fenomenologia. A proposta de nosso objeto epistêmico gira em torno da tríade: o educador, o educando e a tarefa pedagógica. Temos com isso o intuito de debater sobre o status científico da educação, propondo que a mesma deva ter seu objeto epistêmico próprio, sendo esse objeto o ponto central, de partida e chegada, de qualquer estudo que envolva outras áreas afins como: psicologia, sociologia, filosofia, antropologia, etc.

Esse estudo tem como intenção contribuir numa melhor reflexão à cerca da meta educacional, que parece não ser algo muito definido entre os teóricos da educação e entre os próprios educadores que não têm ao certo qual meta deve guiar sua prática e suas ações no âmbito pedagógico. Essas metas se encontram dentro de uma multiplicidade de fins, voltadas para os interesses dos mais variados grupos políticos, sociais, econômicos, religiosos e étnicos, cada grupo que defina a especificidade do fim educacional a partir de suas visões de mundo. Percebemos com isso que essa multiplicidade de fins também contribui para que nós, estudiosos da área educacional, neguemos que a educação dispõe de um objeto epistêmico próprio. Porém deixamos claro que não temos com isso a pretensão de definir qual seria o fim último da educação, mas sim contribuir e propor aos educadores uma maior reflexão sobre os propósitos que norteiam o ato pedagógico, uma vez que o consideramos um ato intencional e

¹ Aluna da graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco e Bolsista do programa de Iniciação Científica PIBIC/UFPE/CNPq. E-mail: rgulart2@hotmail.com

² Dr. Phil. da Rheinisch-Westfälisch Technischen Hochschule Aachen, Alemanha; professor adjunto do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: ferdinan@elogica.com.br

por isso mesmo enfatizamos a importância de pensar sobre sua finalidade. Compreendemos a educação como uma contribuição para a humanização do homem percebendo-o em sua totalidade, um trabalho que proporcione ao mesmo emergir de si aquilo que lhe é essencialmente humano. A meta educacional estaria voltada aqui, mais especificamente, no que concerne a questão da tarefa educacional. Desejamos com isso dar continuidade a nossa proposta de uma educação pautada no princípio da integralidade do Ser.

Baseamos nosso estudo na obra do pensador Martin Buber, na medida em que consideramos sua filosofia como um suporte importante para refletirmos os fins pedagógicos. Ele parte da meta educacional como sendo a integralidade do ser humano, propondo a constituição de um ser pleno que busque sempre a totalidade em todos os aspectos de sua vida, pois somente assim ele pode fazer de sua existência algo realmente autêntico, uma existência fundada no diálogo, na relação com o outro. Esta idéia permite a possibilidade de todas as dimensões humanas serem desenvolvidas, pois para Buber o educador deve:

(...) auxiliar a realização das melhores possibilidades existenciais do aluno, o professor deve apreendê-lo como esta pessoa bem determinada em sua potencialidade... Ele não deve ver nele uma simples soma de qualidades, tendências e obstáculos, ele deve compreendê-lo como uma **totalidade** e afirmá-lo nesta sua totalidade. (Buber, 2004, p.137, grifo nosso)

Não somente enfatizar alguma dimensão e sobrepô-la às outras, mas o que é proposto é desenvolver as dimensões como um todo dentro das possibilidades existentes. Tomamos aqui a meta educacional como uma idéia regulativa³ porque não encontramos uma pessoa totalmente desenvolvida nas suas dimensões diversas na realidade empírica. Nosso objetivo é refletir e traçar a meta educacional vista do prisma da relação Eu-Tu, trazendo elementos do pensamento de Martin Buber a fim de refletir sobre o processo educacional que contribui na humanização nessa perspectiva.

Dentro de nossa proposta a meta educacional está diretamente ligada ao sentido da vida e, sendo assim, pressupomos que há um sentido para a vida, se assim não fosse não faria sentido educar, uma vez que cada um tem o livre arbítrio para escolher qual sentido deve nortear sua existência. Pensar sobre o sentido da vida, ou melhor se há sentido ou não, é algo

³ Cf. Röhr, Ferdinand. A Multidimensionalidade na Formação do Educador. Revista de Educação ACE, v28, nº110, p.100-108. 1999.

bastante controverso, não há um consenso sobre isso, uma vez que pensar num sentido para a vida seria dizer que há algo pré-determinado ao qual temos que corresponder, não havendo possibilidade de escolhas, ou então o sentido poderia ser arbitrário e cada um que escolhesse o seu. Dentro da perspectiva de que há um sentido para a vida, colocamos a questão educacional enquadrando-a no que conceituamos aqui como Teorias da Educação de Correspondência, o contrário: Teorias da Educação de Irreverência. Citando alguns exemplos de Teorias de Correspondência temos:

(...) a de Platão, em que o homem tem como referência as idéias; a de Aristóteles, em que o homem tem que corresponder às exigências de um desenvolvimento pleno da racionalidade e de uma vida político-social equilibrada; as teorias medievais nas necessidades de seguir as idéias cristãs; a de Kant, em obedecer ao imperativo categórico; a de Marx, em corresponder à dialética da história nas mudanças econômicas, políticas e sociais; as teorias neoliberais, que visam adequar as novas gerações ao modelo de sociedade vigente. (Röhr, 2001, p.5).

Esses são apenas alguns exemplos, valendo ressaltar que os sentidos variam de acordo com as diferentes posições de pensamento, uns mais fechados outros menos. Dentro dessa visão o homem precisa corresponder a algo que já está determinado. Nas Teorias de Irreverência há uma contraposição de que exista algo pré-determinando nossa existência, ou seja, há a negação de uma referência para nortear nossa vida. Podemos encontrar exemplos dessa corrente de pensamento na filosofia de Sartre, no seu período existencialista, nas teorias anarquistas da Educação, na pedagogia anti-autoritária, a experiência de Summerhill, entre outros.

Estando a meta da educação, dentro de nossa perspectiva, convergindo com a meta da vida, entendemos que a busca pela plenitude (integralidade) é o destino que cabe ao homem e na medida em que ele se torna mais completo a liberdade surge como reflexo dessa plenitude, acabando por assim dizer a aparente contradição entre liberdade e destino. Enquadramos a filosofia de Buber dentro das Teorias da Educação de Correspondência, uma vez que ele acredita que há um destino pré-definido que deve guiar o homem, sendo a meta da vida humana: a vida dialógica.

Como respaldo teórico nos baseamos no livro intitulado *Eu e Tu*, principal obra de Buber, onde ele caracteriza de forma mais profunda sua filosofia dialógica e com isso procuramos traçar a meta educacional a partir do prisma da relação Eu-Tu e suas conseqüências para se pensar o processo educacional. Todo procedimento metodológico está baseado na abordagem hermenêutica e na abordagem fenomenológica.

1. Martin Buber

Martin Buber nasceu em Viena aos oito de fevereiro de 1878⁴. Como uma das primeiras recordações de sua vida, Buber, com apenas três anos de idade, vivenciou a separação de seus pais. Após o divórcio partiu aos quatro anos para Lemberg, na Galícia, região onde moravam seus avós paternos. Sua mãe por motivos desconhecidos, verdadeiramente o abandonou. O fato do divórcio dos seus pais fora um acontecimento tão marcante na vida do pequeno Buber que está indicado relatar como ele o vivenciou. A família não lhe trazia explicações por aquela separação e seu desejo em rever sua mãe foi guardado em seu íntimo. Buber, ainda muito pequeno, inquieto em saber o paradeiro de sua mãe, questionara à menina que lhe prestava cuidados, sobre a volta de sua mãe. A menina, respondendo sinceramente, afirma que sua mãe não voltaria. Ocorreu neste momento, através de um processo intuitivo, o real entendimento de que sua mãe não voltaria mais.

Aos 14 anos Buber voltou a morar com seu pai, porém o contato com sua mãe, desfeito desde muito criança, só fora refeito após 20 anos, quando já adulto, casado e com filhos. Este reencontro foi igualmente marcante na vida de Buber, embora, de tão frustrante, tenha se mostrado um real desencontro. Este triste fato, que ao mesmo tempo serviu de ponto de partida para sua busca de vivenciar momentos autênticos de encontro entre seres humanos, foi relatado por ele no seu livro autobiográfico, estando ele na galeria da sua casa, da seguinte forma:

Mais tarde, construí para mim mesmo o sentido da palavra “desencontro”, através da qual estava descrito, aproximadamente, o fracasso de um verdadeiro encontro entre seres humanos. Quando, após outros vinte anos, revi minha mãe, que viera de longe visitar a mim, minha mulher e meus filhos, eu não conseguia olhar nos seus

⁴ Os dados sobre vida e obra do autor foram coletados da introdução do livro: “*Eu e Tu*” (1979), escrito pelo tradutor da obra, Newton Aquiles Von Zuben e “*Encontro: Fragmentos Autobiográficos*” (1991).

olhos, ainda espantosamente bonitos, sem ouvir de algum lugar a palavra “desencontro” como se fosse dita a mim. Suponho que tudo o que experimentei, no decorrer da minha vida, sobre o autêntico encontro, tenha a sua origem naquela hora na galeria. (Buber, 1991, p.8)

Buber, ao lado de seu avô Salomão Buber, renomado estudioso da tradição e literatura judaicas de Viena, e junto desta família, teve a oportunidade de experimentar a união da tradição judaica autêntica e o espírito liberal da Haskalah⁵. Salomão Buber foi um dos líderes do Haskalah na Galícia, no início do século XX. Foi neste ambiente que Buber tomou respeito pelo estudo, aprendeu o hebraico, teve a oportunidade de ler os textos bíblicos e teve contato com a tradição judaica.

Em 1896 estudou na Universidade de Viena, no curso de Filosofia e História da Arte. Buber então se dedicou à literatura, à filosofia, à arte e ao teatro, o que de certa forma contribuiu para seu afastamento temporário das raízes judaicas. Somente no final de seus cursos ele volta-se com profundidade para a tradição judaica. Em Leipzig e Zurique aprofundou-se nos estudos da psiquiatria e da sociologia. Em 1904 recebeu o título de doutor em filosofia. Cedo aderiu ao movimento Sionista⁶, sendo um participante ativo. Porém algum tempo mais tarde chefia uma revolta de cisão do movimento por razões de natureza religiosa e cultural, muito mais do que a política. Discordando da postura política radical promovida pela liderança do movimento, Buber, na verdade,

(...) defendeu uma concepção mais ampla do sionismo: uma concepção que fosse, em sua essência, um esforço de libertação e purificação interior e um meio de elevar o nível social e cultural das massas judaicas. (Von Zuben. In. Buber, 1991, p. XVII)

⁵ Geralmente, “Haskalah” indica o movimento entre os judeus que teve início no fim do século XVIII na Europa Oriental voltada ao abandono da exclusividade no seguimento das normas e tradições judaicas. Admitiu-se a aquisição de conhecimento, maneiras e aspirações de vida moderna das nações que gentilmente permitiram a residência dos judeus. Em um senso mais restrito, o termo denota o estudo do hebraico bíblico e partes da literatura hebraica poética, científica e crítica. O termo é algumas vezes usado para descrever o estudo crítico moderno de livros religiosos judeus, tais como o Talmude e o Mishna, quando usado para diferenciar esses estudos modernos de antigos métodos usados pelos judeus ortodoxos. Seus aderentes são comumente chamados de Maskilim.

⁶ Movimento que busca a segregação do povo judeu em uma base nacional e em um território próprio a ele. Especificamente, a forma moderna do movimento que procura para os judeus um lar público e legalmente assegurado na palestina.

Em parceria com Franz Rosenweig (1886-1929), traduziu o Velho Testamento do hebraico para o alemão. A tradução do Velho Testamento teve como objetivo e preocupação demonstrar a atitude dialógica de Deus com o povo judeu. Este aspecto dialógico é a intenção de destaque para tal aventura, apresentando Deus na relação com o homem como uma pessoa. Dentro da perspectiva de Buber, a maneira como nos relacionamos com os outros reflete o modo como nos relacionamos com o próprio Deus. A relação com o próximo é este espelho refletindo nossa postura diante de Deus ou do “Tu Eterno”.

Entre 1924 e 1933, lecionou Filosofia da Religião na Universidade de Frankfurt. Ao mesmo tempo em que lecionava em Frankfurt, Buber atuava como educador popular de adultos. Nesta sua atividade teve grande preocupação em retornar à origem cultural do judaísmo que se encontrava na situação de diáspora. Para ele a maior importância não estava centrada em criar um estado judeu, mas mais urgente era a preservação das origens culturais do judaísmo, não necessariamente na forma de religião.

Em virtude da perseguição nazista, com a ascensão de Hitler ao poder, Buber, em 1936, viu-se forçado a deixar a Alemanha, passando, desde então, a lecionar na Universidade Hebraica de Jerusalém, ensinando sociologia. Pela formação religiosa e filosófica, a cátedra mais indicada para Buber seria em religião ou filosofia, mas por não ser adepto das formalidades religiosas do judaísmo, somente lhe concederam uma cátedra na sociologia. Uma das razões para este acontecimento, através das afirmações de alguns parentes, era a conexão amigável que Buber mantinha com os palestinos. Atitude recriminada pelos conservadores entre os judeus, Buber sempre promovia o diálogo entre judeus e árabes buscando a convivência pacífica. Em Israel, foi importante interlocutor nos anos após a Segunda Guerra Mundial e após a Guerra de Independência de Israel – nos esforços de reaproximação entre árabes e israelenses e no restabelecimento do diálogo com instituições e intelectuais da Alemanha.

Buber ganhou o maior prêmio literário da Alemanha, além do Prêmio Erasmo de Roterdã. Foi o autor de numerosas obras nos campos da arte, educação, sociologia, filosofia, filosofia da religião e interpretação bíblica. Martin Buber faleceu em Jerusalém a 13 de junho de 1965, aos 87 anos.

O Diálogo como princípio fundante no Ser humano

Para Buber o diálogo se situa no princípio de tudo. Diálogo significa falar algo a alguém, entrar em relação com algo que me causa alguma reação, que me toca profundamente e vice-versa. Buber, quando propõe falar e descrever uma vida fundada no diálogo, vai além de uma mera análise objetiva sobre a estrutura lógica ou semântica da linguagem, para ele a palavra e o ato de proferi-la carrega consigo o sentido de portadora de ser e é somente através dela que homem pode se introduzir na existência, mas não é ele que a conduz, mas sim ela que o mantém no ser, porém quando Buber fala de diálogo não está se referindo necessariamente, ou se restringindo à linguagem falada, pois o diálogo surge antes mesmo da criação da linguagem falada ou escrita, o autêntico diálogo não carece desse aparato “a linguagem pode renunciar a toda mediação de sentidos e ainda assim é linguagem” (Buber, 1982, p.35). Ou seja diálogo é comunicação, mas pode ocorrer sem o uso da palavra falada, embora ele tenha como característica principal o signo. Todos esses limites, porém, submergem frente ao autêntico diálogo.

O mundo pode ser duplo para o homem e isso varia de acordo com sua opção em proferir a palavra-princípio Eu-Tu ou Eu-Isso. As atitudes que fundamentam o mundo do Tu são totalmente diferentes das que fundamentam o mundo do Isso. A primeira, Eu-Tu, diz respeito a um “ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua” (Von Zuben, 2004, p.32), nos define como ser da relação dialógica. A segunda, Eu-Isso, diz respeito ao mundo experimental, ao mundo das idéias e dos conceitos, uma atitude objetivada onde está contido o modelo sujeito e objeto, passível de normatizações e apropriação meramente utilitária, nos define como ser de relacionamento objetivante. Para Buber o ser humano só se torna, de fato, humano quando ele experimenta a relação Eu-Tu. A realização da humanidade se encontra na relação entre os seres, num mundo fundado no diálogo.

A relação Eu-Tu pode ser vivida em três esferas diferentes: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com os seres espirituais, em cada uma dessas esferas o diálogo ocorre de forma diferente. Na esfera que abrange a natureza a relação está aquém da linguagem, na esfera dos homens a relação é algo visível e explícito, na esfera dos seres espirituais a relação é silenciosa, mas ainda sim gera a linguagem. Profere-se a palavra princípio sem que nossos lábios precisem se mexer.

Quando proferimos o Tu não temos nenhum objeto em mente, não enxergamos àquele com o qual dialogamos de forma parcial, ao contrário captamos esse ente em toda sua essência, mas sem procurar reter qualquer qualidade, não há intenção de decompor o ser com o qual eu entro em relação, nesse momento o Tu não está confinado a nada. No mundo do Isso, enxergamos tudo em forma de parcialidades ou o todo como uma simples soma de qualidades, já vamos intencionados em avaliar, classificar, atribuir conceitos frente àquilo que estamos vendo.

Buber sinaliza que existem três formas de perceber as coisas ao nosso redor. Na primeira forma [*o observador*] nós tentamos capturar o objeto nos seus mínimos detalhes, queremos anotar o máximo possível de suas qualidades, numa segunda atitude [*o contemplador*], não estamos necessariamente preocupados com esses detalhes, procuramos deixar o objeto livre. Não temos intenções para com aquele objeto, embora possamos tê-las no início, capturamos apenas àquilo que sentimos que é essencial. Num terceiro momento entramos em relação com esse algo, não podemos captá-lo de maneira objetiva, e sentimos que ele, de alguma forma tem a ver conosco, ele diz algo que se introduz profundamente em nossa vida, em nosso ser. A cada evento de relação saímos de forma diferente, pois algo nos toca, algo se modifica. Nesse caso não posso de forma alguma descrever o ente com o qual entro em relação, pois se assim o fizesse estaria impossibilitando o dizer Tu. Essa forma de perceber as coisas é o que Buber chama de: *Tomada de conhecimento íntimo*, quando eu percebo o outro na sua diferença, quando eu o percebo como único, com sua maneira de ser própria. Somente assim posso dirigir-lhe a palavra, somente assim posso dizer Tu. Isso não significa que devo abrir mão do meu jeito, de minhas opiniões, de minhas convicções e peculiaridades, basta apenas que eu o aceite como um ser que diverge de mim nos seus mais variados aspectos, uma criatura singular, se assim não fosse não faria sentido dialogar com iguais. O diálogo é baseado na alteridade e no respeito mútuo dessas diferenças.

Aquilo de que tomo conhecimento íntimo não precisa ser, de forma alguma, um homem; pode ser um animal, uma planta, uma pedra. Nenhuma espécie de fenômeno, nenhuma espécie de conhecimento é fundamentalmente excluído do rol das coisas através das quais algo me é dito todas às vezes. Nada pode se recusar a servir de recipiente à palavra. (Buber, 1982, p.43)

Aqui Buber afirma que podemos entrar em relação com qualquer coisa, pois cada um delas tem uma forma peculiar de responder ou de lançar um apelo a nós, uma vez que a linguagem dialógica está situada numa dimensão espiritual e, portanto uma linguagem universal que não se limita a nenhum conceito e da qual todos os seres tem acesso, basta que ele esteja em consonância com o todo. Pensemos o homem com um ser composto de quatro dimensões basicamente: a dimensão físico-sensorial, a dimensão emocional, a dimensão racional e a dimensão espiritual que é a mais sutil de todas. A tendência, salvo algumas exceções, é desenvolvermos nossas dimensões mais densas em detrimento do espiritual⁷. Para que o homem possa entrar num evento de relação ele deve estar em harmonia com todas as suas dimensões. Para todas essas dimensões existe um tipo de linguagem, uma forma de expressá-las, porém o espiritual é a única dimensão da qual não podemos dispor de conceitos. Assim, uma vez que o diálogo é de natureza espiritual não podemos aqui descrevê-lo de forma conceituável. Sendo assim nos dois primeiros exemplos: o observador e o contemplador, ambos tentam apreender as coisas a partir de um processo analista, elas nada têm a ver com esse homem, elas não lhe dizem nada. Já na tomada de conhecimento íntimo eu “me coloco de forma elementar em relação com o outro, portanto quando ele se torna presença para mim.” (Buber, 1982, p.147)

A relação dialógica, o dizer Eu-Tu não se confina a nada. Buber cita o exemplo de uma árvore: podemos, numa atitude Eu-Isso, apreendê-la em suas qualidades, classificá-la, decompor sua estrutura, etc. Ela é um objeto de observação, porém pode ocorrer que num dado momento eu passe a enxergá-la em sua totalidade, todas as minhas considerações concernentes a ela estão unidas numa relação e não mais separadas, todos os seus elementos, seus mecanismos, sua cor estão incluídos numa totalidade, eu e ela, embora de forma diferente temos a ver um com o outro. Ela deixa de ser um objeto (Isso) para ser meu Tu, considerando toda a sua exclusividade, ela se apresenta em pessoa. Quando entramos no mundo da relação não podemos ter nenhuma experiência do Tu, diferentemente do mundo do Isso que é repleto de conteúdos e conceitos, embora todo Tu esteja sujeito por obrigação a tornar-se logo em seguida termine o evento de relação num Isso que, por sua vez, pode a qualquer momento fazer parte de um evento de relação, transformando-se em um Tu.

⁷ O espiritual, aqui colocado, nada tem a ver com religiosidade. Não pensamos o espiritual como a ligação a uma determinada doutrina religiosa, com seus dogmas e formalidades que, muita vezes, nada tem a ver com a autêntica espiritualidade. O espiritual é colocado aqui como uma realidade primordial que está situada além do alcance de nossa razão.

Um dos exemplos que Buber usa para representar o homem ontologicamente dialógico encontra-se na vida pré-natal da criança que, no caso, não é só uma relação com o ente materno, mas existe também um vínculo cósmico, embora esse vínculo seja “esquecido” a partir de seu nascimento, porém “permanece nele como uma imagem secreta de seu desejo.(...) A nostalgia da procura do vínculo cósmico, do ser que se desabrocha ao espírito com seu Tu verdadeiro”. (Buber, 2004, p.68). Sendo assim toda criança e todo ser em formação “repousa no seio da grande mãe, isto é, do mundo primordial indiferenciado e que precede toda forma.” (Idem) A criança se desliga desse elo cósmico⁸ para uma vida pessoal, porém ela leva um tempo para substituir essa ligação, por uma ligação que Buber caracteriza como: ligação espiritual. Isso ocorre na medida em que ela contempla o seu mundo, buscando interagir com ele, ela vai ao encontro das coisas que se lhe defrontam e o mundo se revela para ela, a priori, a partir do encontro na reciprocidade do face-a-face.

A originalidade da aspiração de relação já aparece claramente desde o estado mais precoce e obscuro. Antes de poder perceber alguma coisa isolada, os tímidos olhares procuram no espaço obscuro algo de indefinido (...) é sem finalidade, ao que parece, que as suaves e pequeninas mãos gesticulam, procuram algo de indefinido no vazio (...) estes olhares, depois de minuciosas tentativas, se fixarão em um arabesco vermelho de um tapete e dele não se desprenderão até que a essência do vermelho se lhes tenha revelado. (...) não se trata de uma experiência de um objeto, mas de um confronto, que sem dúvida se passa na “fantasia”, com um parceiro vivo e atuante (Esta “fantasia” não é de modo algum, uma “animação”: ela é o instinto de tudo transformar em Tu, o instinto de relação [...]) (Buber, 2004, p.69)

O que Buber pretende mostrar com isso é que o homem é originariamente um ser dialógico, há nele, mesmo que latente, o instinto de relação. Na criança ocorre a forma primitiva e não-verbal do dizer Tu. A separação entre objeto e sujeito é um produto posterior advindo da dissociação daquelas experiências primordiais. O Tu inato atua desde cedo, surge essa necessidade de contato, de relação e dessa mesma necessidade surge o instinto de conceituar, decompor, separar, diferenciar, analisar as coisas e na alternância desses modos de

⁸ Elo cósmico = força divina [espiritual], a força natural que emerge do poder universal da qual provém toda ação essencial. *[Essa força da qual provém todo ato essencial [o encontro], é a força que está no princípio de toda relação: o espiritual. Buber diz que a cada encontro nós vislumbramos a orla do Tu eterno, cada evento de relação só pode ocorrer a priori na dependência dessa ligação do homem com Deus [o Tu Eterno]. “o em cima e o embaixo estão ligados um ao outro. A palavra daquele que quer falar com os homens, sem falar com Deus, não se realiza; mas a palavra daquele que quer falar com Deus, sem falar com os homens, extravia-se”.(Buber, 1982, p.48). Mais à frente de nosso texto discorreremos de maneira sintética sobre a forma como Buber define Deus, que é diferente da forma como usualmente o entendemos.]

se relacionar com o mundo, o Eu vai ganhando cada vez mais consciência de si, isso ocorre de forma crescente, até que a ligação se desfaz, mas o instinto de relação permanece. Embora em alguns momentos de alternância dessa relação o Eu tenha se separado do Tu, não necessariamente quer dizer que o Tu se transformou num Isso, num objeto passível de experimentação, como ocorrerá posteriormente. O Tu se tornou um Isso num breve momento, apenas esperando o ressurgimento de um evento de relação.

A separação definitiva entre sujeito e objeto ocorre quando o homem dá vazão as suas sensações físicas, quando ele se vê portador de sensações próprias, na medida em que ele começa a se distinguir do seu ambiente.

(...) o Eu desligado se encontra transformado. Reduzido da plenitude substancial à realidade funcional e unidimensional de um sujeito de experiência e utilização, aborda todo “Isso-em si”, apodera-se dele e se associa a ele para formar outra palavra princípio. (Buber, 2004, p.71)

Nesse momento o homem torna-se parcial, e sua plenitude, sua consonância com o Universo se perde, ele se coloca à frente das coisas, ao invés de confrontá-las no face-a-face. Ele agora se volta para o mundo como um observador que deve captar as coisas nos seus mínimos detalhes, colher suas qualidades, conceituá-las. Ele passa a enxergar as coisas de forma parcial, perdendo assim o sentimento de universalidade que antes o levava a entrar em relação com o mundo, ele deixa a plenitude para experimentar uma simples soma de qualidades. Quando isso ocorre, ele começa a ordenar o mundo dentro de uma relação espaço-temporal-causal, as coisas do mundo se tornam mensuráveis e ele passa a determinar sua evolução e qual o lugar das mesmas, porém ele não percebe que “o mundo ordenado não significa [necessariamente] a ordem do mundo”.(Buber, 2004, p.72, grifo nosso).

Sem dúvida, quando o homem passa a ter o poder de “ordenar” o seu mundo e as coisas, este mundo passa a lhe inspirar confiança, até certo ponto, fazendo com que ele se sinta mais confortável na medida em que acredita que tem controle sobre as coisas que o cercam, um mundo passível de experimentação e utilização, que “permanece” segundo a sua vontade.

(...) fazes dele tua “verdade”, ele se deixa tomar nas mãos, mas não se entrega a ti. Ele é o único objeto a respeito do qual tu podes “entender” com o outro. Mesmo que ele se apresente de um modo diferente a cada um, ele está pronto a ser para ambos um objeto

comum, mas nele tu não podes te encontrar com o outro. Sem ele tu não podes subsistir, tu te conservas graças à sua segurança, mas se te reabsorveres nele, será sepultado no nada. (Buber, 2004, p.72)

As experiências não ocorrem entre o homem e o mundo, mas somente no homem ou fora dele, o fora e o dentro não se cruzam em nenhum momento, o homem nada tem a ver com o mundo e vice-versa, nada o atinge. Não há encontro, nada se modifica, tudo permanece na inércia. O homem, a partir de então, faz questão de esquecer sua característica primordial. Ele deixa sua existência à margem do nada, e procura, mesmo que de forma muitas vezes inconsciente, criar mecanismos de defesa contra a palavra que lhe é dirigida, contra o ente que se lhe defronta convidando-o num incessante apelo a entrar num diálogo, embora o gérmen da relação esteja de forma latente em seu interior. O fato de não querermos estar atentos advém da necessidade que sentimos em controlar e dominar as situações que se apresentam em nossa vida. O mundo científico, que tem por finalidade, de um modo geral, a objetividade e a utilização do mundo e das coisas, faz com que haja um crescente desenvolvimento do mundo do Isso e Buber critica, em certo ponto, a ciência quando diz que ela tem a tendência a assegurar ao homem:

Sê tranqüilo, tudo acontece da forma como tem que acontecer, mas nada é dirigido a ti, não se trata de ti; este é simplesmente o “mundo”, tu podes vivenciá-lo como queres, mas o que quer que seja que em ti dele faças, provém de ti somente; nada é exigido de ti, a palavra não te é dirigida, tudo é silêncio. (Buber, 1982, p.43)

O existir se torna carente de eventos de relação, distinguindo-se da época em que o homem pronunciava o Tu que já era inato a ele.

Um dos motivos que nos faz optar em não querer vivenciar o mundo da relação, é o fato de que o evento de relação se encontra fora da “ordem” costumeira de nosso mundo, não temos controle sobre ele, não podemos manipulá-lo, nada podemos guardar dele, pois ele se revela a cada vez de um modo diferente. Eles tornar-se-iam mais constantes se estivéssemos mais atentos e abertos ao apelo dos entes com os quais nos defrontamos a todo instante, pois Buber coloca que esses eventos de relação não estão situados fora do âmbito de nossa vida cotidiana, ao contrário todos os eventos do mundo e de nosso dia a dia são palavras dirigidas a nós, podem se transformar em encontros. No mundo do Isso nada parece escapar de nosso

domínio e isso nos conforta trazendo-nos uma aparente tranquilidade e por vivermos tão enclausurados nesse mundo utilitário os eventos de relação, tão raros de acontecer, nos parecem demasiadamente místicos ou fora de nossa realidade concreta, fazendo com que duvidemos de sua autenticidade e veracidade.

Toda vida atual é encontro, as relações acontecem no presente, embora não devamos entender o presente aqui colocado como se estivéssemos situando o mundo do Tu dentro de uma percepção espaço-temporal, pois aquele que diz Tu, no momento da relação transcende esses limites, presente significa o instante atual e não o instante pontual no sentido das horas, do tempo convencional. Presente significa o Eu e o Tu plenamente presente, o momento do encontro rico de presença que “não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós.” (Buber, 2004, p.60) O mundo do Isso é coerente no tempo e no espaço, o Isso vive de/no passado, o mundo está aprisionada no tempo histórico ordenado a partir de uma lógica espaço-temporal convencional que ajuda a ordenar o que em sua origem tem por princípio uma ordem diferente e até certo ponto desconhecida. O Eu da palavra princípio Eu-Isso não está com nenhum Tu face-a-face, porque ele é egocêntrico⁹, é um ser que vive uma vida monológica, ele se volta para si mesmo e toma consciência de si como sujeito de experiência e utilização. O Eu que diz Tu surge como pessoa e toma consciência de si como subjetividade, ele é um ser de vida dialógica, está num constante voltar-se para o outro, surgindo no instante em que entra em relação com outras pessoas, no momento em que eu estou agindo sobre o outro. Os motivos pelos quais eu entro em relação não devem ser confundidos em termos de sentimentos ou com afetividade, que pertencem ao domínio do emocional, embora eles possam acompanhar esse evento. Quando meu Ser profere o Tu, não está se restringindo aos entes que me são queridos, não se trata do gostar e do não gostar, isso seria limitar o meu dizer. O encontro desconhece os limites dos, às vezes, efêmeros e condicionados sentimentos que acompanham o ser humano.

Quem vive no mundo do Isso está destinado a cair na fatalidade, pois a vida, como a entendemos normalmente, é construída em cima de experiências: nascemos, crescemos, morremos num ciclo de causalidades, tudo começa e termina, pois nada mais é do que uma experiência que tem o seu começo, meio e fim: “todo o fenômeno ‘físico’ perceptível pelos sentidos e cada fenômeno psíquico pré-existente ou que se encontra na experiência própria, passa necessariamente por causado e causador” (Buber, 2004, p.84). Acreditamos que a vida

⁹ Buber procura deixar claro que quando ele está falando do ser egoísta, não está descartando àqueles que se dizem altruísta, pois não é a esse tipo de diferenciação que ele se refere: “o egoísta” e “o altruísta”. Pois existem inúmeras pessoas que se dizem solidárias em suas ações sociais para com os outros, e no entanto nunca entraram num evento de relação com os mesmos.

mortal é a autêntica vida, porém Buber sinaliza que o berço da verdadeira vida pertence ao domínio do Tu, mesmo que vivamos a maior parte dela presos ao mundo do Isso, não estamos limitados a ele, uma vez que poderemos sempre nos evadir para o mundo da relação. No momento do encontro o Eu e o Tu se relacionam entre seres livres, uma liberdade que não está condicionada a nenhuma causalidade, na relação “o homem encontra a garantia da liberdade de seu ser e do Ser” (Buber, 2004, p.85). Para Buber a vida mortal nada mais é do que uma oscilação entre o Tu e o Isso, e o homem passa a ter garantia de sua liberdade e não mais ser oprimido pela causalidade quando ele mantém uma atitude de abertura e não reservas, numa intenção constante de viver encontros plenos de presença, alguém que busca enxergar e viver sua existência, não em parcialidades, mas numa caminhada contínua por sua plenitude, não relegando ao esquecimento nenhuma de suas dimensões que permitem a ele, uma vez que estão em consonância, em raros momentos emergir do mundo do Isso revelando-lhe o eterno, momentos esses que se introduzem profundamente em sua vida mortal, modificando de forma significativa sua maneira de existir no mundo. Seu destino não lhe parece mais uma fatalidade ou um puro evento envolvido numa trama de causas e efeitos, mas sim se apresenta como uma réplica de sua liberdade, não sendo mais seu limite e sim seu complemento, “liberdade e destino unem-se mutuamente para dar sentido; e neste sentido o destino, até há pouco olhar severo suaviza-se, como se fosse a própria graça” (Buber, 2004, p.86). Nesse instante constatamos que Buber acredita que o destino do homem é a plenitude, existe algo ao qual ele deve corresponder. Mas esse destino não se apresenta como algo fechado e obscuro, o destino enxergado desse prisma faz parte do mundo do Isso, “o destino sábio e soberano que, harmonizado com a plenitude de sentido do universo, reinava sobre toda causalidade primitiva” (Buber, 2004, p.87) , na medida em que o homem entra no domínio do Isso ele também cai nessa causalidade.

A Meta Educacional na perspectiva de Buber

Tracemos agora um paralelo entre a meta educacional e a visão de Buber tendo como intuito principal, a partir do seu pensamento, dar suporte para uma meta da educação que vise à formação humana. De início o que podemos perceber a partir do que foi exposto acima, é que a meta educacional na perspectiva da filosofia buberiana deve estar voltada para a formação de um ser integral, em busca da plenitude, da vivência com o outro numa perspectiva dialógica, o mundo da relação que o permite experimentar por um instante o Todo, momento esse que reflete de forma essencial em sua visão sobre o mundo. Nesse sentido a meta educacional não está submetida a interesses unilaterais de grupos específicos, que carregam consigo suas próprias visões de mundo. Deixando claro que, de qualquer forma, é impossível e até mesmo não desejável formar alguém fora de uma visão de mundo, porém a questão principal é: até que ponto essa “visão de mundo”, que se toma como o princípio para educar, favorece ou obstrui a relação do educando com o mundo vivente em relação ao “mundo” contemplado? Para Buber é importante que analisemos qual conceito de formação temos em mente a partir do mundo atual percebendo e compreendendo que para se chegar a algum lugar é importante vermos de onde partimos, sendo assim não basta se direcionar a algo, mas também, e essencialmente, de onde parto para ir buscar esse algo. Buber então coloca que o ponto de partida de uma visão não pode ser qualquer coisa, não pode ser algo que dependa de um convencimento que parta de mim mesmo, tem que ser algo que difere do meu ponto de vista, da forma como eu vejo e assumo as coisas e o mundo. Ele diz que precisa ser um sustento verdadeiro, o que ele chama de uma realidade primordial, um princípio que, independente das contrariedades da vida, que seja incondicional para mim, um princípio que nunca perde sua validade e que está presente na forma como eu guio minha vida, “uma realidade que me gerou e que quando eu tenho confiança nela ela é capaz de me sustentar, de me proteger e de me formar” (Buber, 1969, p.42¹⁰). Sendo assim o intuito de formação precisa estar voltado para um trabalho que proporcione, tanto ao educando quanto ao educador, a abertura, o acesso a essa realidade primordial, as forças formativas que essa origem contém e que aos poucos foram se perdendo e diminuindo. Essa realidade primordial de onde advêm as forças formativas, como já foi colocada, é a capacidade dialógica do ser humano. O dialógico não é algo que podemos manipular, mas podemos nos guiar e guiar nosso educando em direção a isso. São “forças específicas e fundamentais que ainda não são étnicas e tão pouco

¹⁰ Não existe tradução original em português desse livro, a tradução foi feita em grupo de estudo para fins de debate sobre a filosofia de Buber. Retirada do original: *Reden über Erziehung* (Discursos sobre Educação).

são de natureza religiosa [nem política, nem econômica, nem social, etc.], mas as duas coisas em conjunto e mais, e ainda coisas diferentes...” (Buber, 1969, p.43). Existe portanto uma totalidade que advém dessa realidade primordial, que abrange o Todo e o que retiramos desse Todo deve ser integrado e adaptado à situação concreta, ao momento presente, aquilo que o homem necessita, não deve estar além ou aquém de sua vida atual. A formação colocada dessa forma está voltada para o mundo e não para visões de mundo específicas, porém esse trabalho de formação não pretende substituir

“(...) as visões de mundo pelo mundo; ele não pode impor o mundo, nem pode querer isso; ele sabe que o desenvolvimento de uma pessoa (...) depende do fato de até que ponto [essa pessoa] vai lidar com o mundo mesmo. Esse mundo que as visões de mundo interpretam.” (Buber, 1969, p.43 e 44, grifo nosso).

Esse processo de formação que visa à relação dialógica, a plenitude do indivíduo, questiona as várias visões de mundo que tendem a separar “o mundo” e conseqüentemente o indivíduo conforme seu entendimento e vêm na educação uma ponte para tal finalidade.

A abertura por parte do educador para a vivência da relação Eu-Tu se mostra deveras pertinente na medida em que ambos se beneficiam de forma significativa desse encontro, uma vez que, para Buber a realidade primordial, o Todo, só pode ser contemplado numa unicidade, essa unicidade só pode ser vivenciada com o outro, na relação com o outro. Não outro igual a mim, mas outro diferente de mim, com pontos de vista diferentes de mim.

A meta educacional dentro dessa perspectiva faz com que o educador assumira uma outra postura frente ao educando e também frente a sua própria vida, pois exige dele um amadurecimento pessoal que refletirá na execução de seu trabalho. A tarefa educacional vista desse paradigma mostra que não existem fórmulas prontas, técnicas específicas que possam favorecer o educador em termos meramente práticos, uma vez que nós educadores, de um modo geral, estamos à espera de uma solução pronta como se esquecêssemos, por um momento que estamos lidando com seres humanos, pessoas com subjetividades próprias e não com coisas e objetos passíveis de mera manipulação. Sendo assim parece-nos mais conveniente e confortável que nos fechemos para o mundo da relação, pois como Buber coloca é mais fácil lidarmos com aquilo que parece estar sobre o nosso controle, com o mundo do Isso e não da relação, optamos por não ter que nos comprometer demasiadamente

com o outro. Dessa forma os educadores jogam a culpa do insucesso de seu trabalho e da indeterminação de sua atuação nas condições externas a ele que são de naturezas diversas.

O que se propõe aqui é um trabalho pedagógico voltado para o resgate da condição ontológica do homem: **o ser dialógico** que em sua origem se encontra dentro de uma totalidade e que apenas mais tarde se decompõe em variadas faces, perdendo a ligação, embora não total, com o Universo. A ruptura dessa ligação ocasiona danos para sua evolução humana, estagnando-o e impedindo-o de adentrar no mundo da verdadeira existência. Vê-se portando o quão importante é pensar num trabalho pedagógico que se volte para a formação humana e que proponha extrair do homem o que lhe é essencialmente humano. Nesse trabalho que propõe a vivência da relação Eu-Tu por ambas as partes, tanto educador quanto educando, visa o encontro de seres que nesse momento complementam um ao outro, que estão no caminho da busca pela plenitude, exige de ambas as partes uma constante abertura para que o evento de relação ocorra.

Dessa forma podemos concluir, a partir do que foi exposto, que a meta da educação não estará mais limitando a formações do Ser em instâncias específicas, mas sim estará preocupada em enxergá-lo como um todo. Nesse sentido a educação estará trabalhando na formação de um Ser mais completo, que é a condição primordial, para que o mesmo possa viver eventos de relação, eventos esses que o permitem adentrar no mundo da verdadeira existência.

Na medida em que eu me fecho para o mundo da relação, deparo-me com a estagnação de minha existência, torno-me um Ser utilitário e que, da mesma forma que experimenta e utiliza as coisas do mundo, torna-se uma coisa decomponível e passível de experimentação. Embora não tenhamos por intenção condenar de todo o mundo do Isso, pois ele tem suas utilidades, percebemos que há um demasiado crescimento dessa forma de ver o mundo. O diálogo está desaparecendo e havendo uma crescente monologização do comportamento humano, e a educação é comumente colocada como um meio para o crescimento do mundo do Isso, pois raramente encontramos propostas pedagógicas que se preocupem com o desenvolvimento do lado humano no homem, ele é apenas visto como um meio para fins que convergem para o mundo do Isso e não das relações. Sendo assim, esse trabalho se mostra pertinente, na medida em que dá embasamento à perspectiva de situar a meta educacional dentro de uma visão que abrange o homem em todas as suas dimensões, onde a ação dialógica trazida por Buber, refere-se a uma postura em que ambas as partes envolvidas no processo possam perceber o outro na sua totalidade, não como objeto. Na relação pedagógica, a tarefa de perceber o outro é somente do educador e nesse sentido o

diálogo se faz incompleto. Quando o educando corresponde a esta tentativa de diálogo, termina a relação pedagógica e inicia a dialógica que permite aos dois viverem o evento de relação, onde cada um influencia a existência do outro, tornando a convivência pedagógica entre educador e educando numa constante abertura de possibilidades para a relação dialógica.

A relevância deste trabalho pode ser compreendida na importante discussão teórica sobre o tema em estudo com repercussões na prática pedagógica, trazendo reflexões bastante pertinentes que nos tocam no cerne da questão: “Educar para quê?”, e em que medida, de fato, podemos considerar nosso ato sobre o outro como um ato autenticamente educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Eu e Tu*. 8ª edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 2004.

_____. *Encontro: Fragmentos Autobiográficos*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. *Reden Über Erziehung*. Heidelberg: Verlag Lambert Schneider, 1969.

RÖHR, Ferdinand. A Ética Pedagógica no Pensamento de Martin Buber. In: *XV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – XV EPENN*. Universidade Federal do Maranhão. São Luis, 2001.

_____. A Multidimensionalidade na Formação do Educador. In: *Revista de Educação AEC. Paixão e Educação*, nº110, p.100-108, 1999.

_____. Ética Pedagógica na Educação Espiritual – Um Estudo Comparativo. In: *24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu, Anais, 2001.

_____. Liberdade ou Destino: Reflexões sobre a Meta da Educação. In: *Revista de Educação e Cultura. II Encontro de Filosofia da Educação*. Salvador, Anais, 2003.

_____. O Caminho do Homem Segundo a Doutrina Hassídica, por Martin Buber – Uma Contribuição à Educação Espiritual. In: *24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu, Anais, 2001.